

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**ESCOLA DE NEGÓCIOS, HOSPITALIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**GRANDES POTÊNCIAS E A MOVIMENTAÇÃO NAS DINÂMICAS POLÍTICAS:  
ENVOLVIMENTO DA RÚSSIA EM CONFLITOS ARMADOS INTERESTATAIS NO  
SÉCULO XXI**

**Débora Costa Bonaldo, Lavynea Lara Pereira da Silva Mariana Rodrigues Trindade  
da Silva**

São Paulo

2023

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**ESCOLA DE NEGÓCIOS, HOSPITALIDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**GRANDES POTÊNCIAS E A MOVIMENTAÇÃO NAS DINÂMICAS POLÍTICAS:  
ENVOLVIMENTO DA RÚSSIA EM CONFLITOS ARMADOS INTERESTATAIS NO  
SÉCULO XXI**

Professor Orientador: João Estevam  
Trabalho de Conclusão de Bacharelado em  
Relações Internacionais, na Universidade  
Anhembi Morumbi, como requisito de conclusão.

São Paulo

2023

## **RESUMO**

As disputas geopolíticas envolvendo a OTAN, destacando os Estados Unidos e o Ocidente, tiveram impacto significativo nos confrontos entre Geórgia e Rússia, assim como no conflito com a Ucrânia. Esses eventos revelam um cenário global complexo e instável, onde a busca por estabilidade entra em conflito com interesses nacionais e regionais, resultando em ações militares e reações com grande impacto internacional. As limitações do direito internacional e a imposição de sanções econômicas evidenciam as dificuldades em controlar crises dessa magnitude, enquanto o fortalecimento de potências como Rússia e China desafia a predominância do Ocidente. Diante dessa instabilidade, a diplomacia e o diálogo emergem como ferramentas essenciais para mitigar conflitos e preservar a estabilidade global. Este recorte é uma narrativa em constante evolução, repleta de complexidades no atual cenário geopolítico.

**Palavras chave:** OTAN; Rússia; Ucrânia; Geórgia; Geopolítica; Guerra; Estados Unidos.

## **ABSTRACT**

The geopolitical disputes involving NATO, with a focus on the United States and the West, have had a significant impact on the conflicts between Georgia and Russia, as well as the conflict with Ukraine. These events reveal a complex and unstable global scenario, where the pursuit of stability clashes with national and regional interests, resulting in military actions and reactions with significant international repercussions. The limitations of international law and the imposition of economic sanctions highlight the challenges in controlling crises of this magnitude, while the strengthening of powers such as Russia and China challenges the predominance of the West. In the face of this instability, diplomacy and dialogue emerge as essential tools to mitigate conflicts and preserve global stability. This narrative is an ever-evolving story, full of complexities in the current geopolitical landscape.

**Key words:** NATO; Russia; Ukraine; Georgia; Geopolitics; War; United States.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>1. EXPANSÃO DA OTAN E REAÇÃO RUSSA</b>	<b>7</b>
1.1. A Evolução da OTAN e sua Expansão	7
1.2. As Preocupações da Rússia em relação a expansão da OTAN	8
1.3. Consequências para as Relações Rússia-OTAN	9
<b>2. CONFLITO GEÓRGIA- RÚSSIA</b>	<b>10</b>
2.1 Geopolítica e a Disputa Geográfica do Cáucaso	10
2.2 A Fragmentação da Era Soviética e o Impacto no Cáucaso	12
2.3 Século XXI : O Conflito de 2008 e Seus Efeitos no Sistema Internacional	14
<b>3. Conflito Rússia e Ucrânia</b>	<b>17</b>
3.1 Nacionalismos e Anexação da Crimeia	17
3.2 Guerra da Ucrânia: conflito e impactos à segurança internacional	19
3.3 Desafios para o Ocidente	22
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX testemunhou eventos de grande impacto que moldaram profundamente o cenário internacional. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) ao término da Segunda Guerra Mundial representou um marco na cooperação global para prevenir futuros conflitos armados. No entanto, esse período também marcou o início da Guerra Fria, uma era de tensões geopolíticas entre os Estados Unidos e a União Soviética, que lideraram blocos ideologicamente opostos. Os EUA emergiram como líderes do bloco ocidental, enquanto a União Soviética promoveu o socialismo como alternativa ao capitalismo. A criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi uma resposta estratégica do bloco ocidental, liderado pelos EUA, para fortalecer a coesão contra possíveis ameaças soviéticas. No complexo tabuleiro geopolítico do século XXI, as relações entre grandes potências, especialmente entre Rússia e Estados Unidos, desempenham um papel crucial nas dinâmicas políticas globais. Neste artigo buscamos analisar o agravamento das disputas entre essas potências, destacando como suas interações influenciam conflitos armados intraestatais, marcando uma era de competição intensa que molda o cenário internacional. Assim como buscamos apresentar o posicionamento geopolítico da Rússia durante o envolvimento nestes conflitos armados intra-estatais na região do Cáucaso e da Ucrânia no século XXI. Visando o ponto de vista político-militar, considerando a política externa de ambos os países, as questões de segurança mundial e a relação com a expansão da OTAN no contexto pós-Guerra Fria. Além de abordar como as disputas de poder entre Rússia e EUA influenciaram os conflitos da Guerra da Geórgia (2008) e Guerra da Ucrânia (2022).

Tendo em consideração o posicionamento político adotado pela Rússia no sistema internacional durante o século XXI, aliado aos desdobramentos da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no período pós-Guerra Fria, é plausível inferir que tais eventos tiveram um impacto direto no Sistema Internacional. Esta dinâmica, influenciada pelo histórico de hostilidades desde o final da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, resultou na reconfiguração das relações geopolíticas. Dessa forma, a análise proposta neste estudo visa não apenas investigar as tensões entre OTAN e Rússia, mas também compreender de que maneira esses posicionamentos moldaram a ordem mundial e as dinâmicas entre as grandes potências, delineando assim o atual contexto das relações internacionais.

Este artigo tem como objetivo analisar como a Rússia percebe a expansão da OTAN como uma ameaça à sua segurança e interpreta isso como um sinal de uma política de

contenção por parte do Ocidente, com destaque para as alegações de não cumprimento da promessa de não expansão para leste europeu após a reunificação alemã. Investigar os fatores que influenciam a abordagem dos Estados Unidos em relação à Rússia e à OTAN, incluindo visões da administração atual, considerações de segurança nacional e o contexto geopolítico em constante evolução. Avaliar como a dinâmica entre Rússia e OTAN repercute no Sistema Internacional, considerando os diversos elementos discutidos ao longo do trabalho e as implicações para a segurança e estabilidade globais.

Os objetivos específicos que abordaremos em nossa análise visam investigar os conflitos decorrentes da política externa e os efeitos gerados nas relações entre Rússia e OTAN, assim como nas Guerras da Geórgia e da Ucrânia. Analisaremos as repercussões em termos de segurança e aspectos político-militares desses confrontos.

A escolha do tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi um processo minucioso, no qual consideramos cuidadosamente a relevância acadêmica. Buscamos explorar tópicos desafiadores e contemporâneos que nos permitissem aplicar o conhecimento adquirido ao longo de nosso curso. Contamos com uma ampla gama de recursos e materiais de pesquisa, que influenciaram diretamente nossa abordagem na condução de uma investigação aprofundada. Optamos por abordar uma questão de importância internacional no cenário atual, levando em conta as reflexões prévias que nos orientaram a trabalhar considerando os impactos nas projeções futuras.

O presente estudo se baseou na análise dos seguintes conteúdos: Conteúdo midiático como artigos jornalísticos, livros e capítulos de autores na área das Relações Internacionais e artigos acadêmicos, com foco nos posicionamentos em relação ao contexto da expansão da OTAN e do ocidente no cenário mundial, as guerras e as questões de política externa de países do Ocidente e Leste Europeu. Embora o conflito russo-ucraniano ainda esteja sucedendo, buscamos analisar as relações e os impactos gerados dos conflitos mencionados.

## **1. EXPANSÃO DA OTAN E REAÇÃO RUSSA**

### **1.1. A Evolução da OTAN e sua Expansão**

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) surgiu no cenário pós-Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela polarização entre o bloco ocidental, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco oriental, liderado pela União Soviética. É uma aliança militar que desempenhou um papel crucial na manutenção da paz e da segurança no cenário internacional desde a sua criação.

Fundada em 4 de abril de 1949, como uma resposta ao avanço e desenvolvimento da União Soviética durante a Guerra Fria, seu principal objetivo era garantir a segurança e a defesa mútua de seus membros, promovendo a cooperação militar e estratégica entre os países aliados. Inicialmente composta por 12 países (Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Noruega, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos da América) a OTAN foi um pilar essencial na contenção das tensões entre as superpotências da época, elaborando uma aliança voltada para a defesa mútua contra a proliferação do movimento comunista. Ao longo das décadas, a OTAN evoluiu para se adaptar às mudanças no panorama geopolítico e uma transformação notável foi a expansão gradual de seus escopos, indo além da mera contenção da União Soviética e passando a incluir países europeus (um processo que começou no final da Guerra Fria).

Os Estados Unidos desempenharam um papel central na criação da OTAN, impulsionados por uma visão estratégica de conter a influência soviética na Europa pós-guerra e disseminar sua própria influência pelo continente europeu, que se encontrava extremamente fragilizado após um longo período entre guerras e buscava desesperadamente se restabelecer. Portanto, os EUA passaram a defender a necessidade de criação de uma aliança militar que garantisse a cooperação da região e estabilidade econômica.. O comprometimento dos EUA com a Europa foi evidenciado na assinatura do Tratado do Atlântico Norte em 1949, que formalizou a aliança e estabeleceu uma base sólida de cooperação, sendo muito vantajosa para o país norte americano. A presença militar dos Estados Unidos na Europa, desde a implementação do Plano Marshall, que visava a reconstrução econômica e a estabilidade política pós-guerra, foi fundamental para persuadir os aliados a aderirem à aliança. A resposta do governo soviético veio com a criação de sua própria aliança militar, incluindo os países comunistas do Leste Europeu, chamado de Pacto de Varsóvia. (OLIVEIRA, 2022)

Logo, após o término da Guerra Fria, a OTAN enfrentou o desafio de redefinir sua função, uma vez que a ameaça militar soviética havia desaparecido. O chamado "vácuo de poder" resultante do colapso do Pacto de Varsóvia em 1951, e da retirada das tropas russas do leste europeu levou a OTAN a buscar uma nova justificativa para sua existência. Essa justificativa foi encontrada na promoção dos ideais democráticos e na expansão da organização para áreas anteriormente sob influência soviética e vários países da antiga aliança comunista se tornaram membros da OTAN.

O final da Guerra Fria marcou o início de uma nova fase na história da OTAN. Em 1999, a aliança testemunhou sua primeira expansão pós-Guerra Fria com a admissão da República Tcheca, Hungria e Polônia. Essa decisão não apenas refletiu o desejo desses países de se integrarem ao ocidente, mas também representou uma mudança significativa na dinâmica de poder regional. Já no ano de 2004, protagonizou marco importante na história da OTAN com a admissão dos Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), bem como de outros países do leste europeu. Essa expansão consolidou a presença da OTAN em uma região historicamente sensível, sob a premissa de fortalecer os laços de segurança e estabilidade, e consequentemente se aproximando do território de domínio Russo, formando uma espécie de cerco, que acabou sendo visto como um alerta para o país soviético. Os países bálticos, ao buscar cooperação com o Ocidente após a Guerra Fria, visavam garantir segurança contra possíveis retaliações russas e obter reconhecimento internacional como Estados soberanos. Esses países percebiam a Rússia como uma potência revanchista e agressiva, justificando sua busca por aproximação militar com a OTAN. Em 2009, a OTAN continuou sua expansão com a admissão da Albânia e Croácia, reforçando ainda mais sua presença nos Bálcãs. Posteriormente, em 2017, a admissão de Montenegro sublinhou o compromisso contínuo da OTAN em fortalecer a estabilidade na região. (OLIVEIRA, 2022)

## **1.2. As Preocupações da Rússia em relação a expansão da OTAN**

A relação entre a Rússia e a OTAN tem sido caracterizada por uma série de tensões, as quais derivam das preocupações da Rússia em relação à expansão contínua do tratado, com destaque a presença militar ocidental próxima às suas fronteiras, levantando questões de segurança nacional e a percepção de que a OTAN está buscando conter a Rússia como um todo desde o fim da Guerra Fria. Uma das principais fontes de apreensão por parte da Rússia é a crescente presença militar ocidental em países que fazem fronteira com seu território, principalmente com a expansão da OTAN para incluir nações do leste europeu,

como os países Bálticos e a Polônia, resultando em uma proximidade cada vez maior das forças da aliança em áreas historicamente influenciadas por sua esfera de atuação russa. Essa presença levanta preocupações sobre a segurança estratégica, alimentando temores de um cerco militar e possibilidade de invasão, ou até mesmo uma manobra para isolar a Rússia e enfraquecer o país. (Gonçalves, 2022)

Vista pela Rússia como uma ameaça direta à sua segurança, a incorporação de países que eram anteriormente parte do bloco soviético é recebida como uma violação, um desafio à sua soberania, ao argumentar que a expansão da OTAN desestabiliza as relações regionais e cria um ambiente de insegurança e hostilidade, obrigando-a a reavaliar toda sua influência, estratégias de defesa e posicionamento internacional, criando a percepção de que a OTAN está buscando conter suas ambições geopolíticas e influência regional. Essa percepção contribui para uma atmosfera de desconfiança mútua, complicando as relações diplomáticas e aumentando as tensões entre a Rússia e a aliança.

Ao assumir o governo russo no ano 2000, Vladimir Putin criticou abertamente a presença da OTAN nas proximidades territoriais, ao afirmar que a organização não estava cumprindo a premissa, elaborada em 1990, de não expansão para a região leste, o que resultou em manobras defensivas e ofensivas, principalmente com a Guerra Rússia-Geórgia em 2008, a anexação da Crimeia em 2014, e a Invasão da Ucrânia em 2022. Tais conflitos podem ser vistos como uma resposta assertiva às preocupações de segurança e à percepção de contenção, servindo de alerta para os países membros da OTAN, que posicionaram tropas em vários países do leste europeu pela primeira vez. (Gonçalves, 2022)

As ações militares russas nos últimos anos e as declarações políticas evidenciam o interesse em proteger seus pontos estratégicos, mesmo diante da oposição da comunidade internacional, afetando diretamente a Segurança Internacional como um todo. Enquanto a OTAN busca consolidar sua influência, a Rússia percebe essas ações como uma ameaça direta, exigindo que as tropas da OTAN sejam retiradas da região e que haja uma contenção de expansão. A gestão dessas preocupações é crucial para a estabilidade e segurança globais, destacando a importância do diálogo e da diplomacia na busca por soluções pacíficas e duradouras.

### **1.3. Consequências para as Relações Rússia-OTAN**

As relações entre Rússia e OTAN têm enfrentado uma série de desafios, especialmente com a expansão da aliança. Entretanto, em 2002, foi criado o Conselho

OTAN-Rússia, que tratava de questões de segurança de interesse comum e até garantiu um assento permanente para o país na sede do bloco, em Bruxelas. Contudo, o conflito de interesses e a contínua adesão de países resultou na suspensão do Conselho. A expansão da OTAN para países anteriormente sob influência soviética foi um ponto de inflexão nas relações entre Rússia e a aliança, afetando diretamente a percepção russa, levando a uma atmosfera de desconfiança e preocupação com a presença militar e política da OTAN em seus países vizinhos. A suspensão do Conselho Rússia-OTAN marcou um momento crítico nas relações bilaterais.

No contexto das tensões, ambas as partes buscaram implementar medidas de confiança para mitigar o risco de escalada das tensões, com receio de se tornar um conflito nuclear com impactos em escalas globais. Essa iniciativa de negociação, foi focada em analisar a eficácia na construção de uma base sólida para a diplomacia e a segurança na região, visto que a região do Báltico emergiu como um foco de tensão, com incidentes militares aumentando, influenciando diretamente as percepções mútuas entre os Estados e atuações de políticas de defesa. A dinâmica ampla da diplomacia e da segurança na região, considerando o papel de outros atores internacionais, é extremamente relevante, principalmente ao atentar-se ao fator que se qualquer um dos 30 membros da aliança for atacado, a resposta será ofensiva, imediata, instável e irá declarar um conflito armado perigoso entre todos os países aliados de ambas as partes.

## **2. CONFLITO GEÓRGIA- RÚSSIA**

### **2.1 Geopolítica e a Disputa Geográfica do Cáucaso**

Considerado como um dos berços da civilização, situa-se em fronteira com a entre a Europa e Ásia, o Cáucaso é formado por um território englobado de uma extensa cadeia montanhosa, como o Monte Kazbek e o Monte Ararat que dividem a região norte e sul, áreas costeiras divisas com o Mar Negro e conseqüentemente, por possuir uma localização regional privilegiada inclinou-se a ser foco de diversas disputas religiosas, políticas e territoriais. Os episódios de passagem dos inúmeros povos no território contribuíram para a geração da pluralidade étnica e religiosa, essa combinação resultou em uma miscigenação cultural e administrativa na região que permeia até os dias de hoje. Segundo Sequeira (2014), no período entre 500 a.C. e 630 d.C., o Império Persa buscou expandir seu domínio do norte da África ao oeste da Índia, enquanto a ascensão grega, liderada por Atenas, pelo mar

Mediterrâneo, gerou tensões. Após a morte de Alexandre, o Grande, em 329 a.C., a região entrou em sete séculos de instabilidade, palco de disputas entre gregos, romanos, árabes e persas. A conquista árabe, a partir de 630 d.C., se limitou a certas áreas, e a Geórgia se vinculou ao Império Bizantino ao adotar o cristianismo como religião oficial por muitos anos.

Avançando no tempo, no século XIV as invasões timúridas, lideradas por Tamerlão, de suma selvageria em busca de expansão, a imposição da religião islâmica e dominação territorial ocasionaram a extinção de boa parte da população, bem como a destruição de edifícios e igrejas deixando a Geórgia em clima de instabilidade. Esse cenário contribuiu para o fortalecimento de clãs turcos na Ásia menor, colaborando para o domínio Otomano no futuro. Já no século posterior, o império Otomano em sua expansão dominava as áreas montanhosas e as planícies férteis da Turquia, Constantinopla, Trebizonda e parte costa do mar negro, esse movimento contribuiu para o declínio do Império Bizantino, ao mesmo instante a dinastia Safávida também estabelecia seu predomínio na extensão da Pérsia e com intensão de converter os povos cristãos ao islã.

Segundo Sequeira (2014), o conflito duradouro de Chaldiran se fundamentou em dois pilares. O primeiro se baseia na busca do controle da região devido às rotas comerciais favoráveis entre a Europa e a Ásia, e extração de recursos na região. O segundo se fundamenta na dessemelhança teológica, pois, no período a população do império Otomano era predominantemente sunita, enquanto os Drávidas eram da vertente xiita. O conhecimento militar otomano os levou à vitória e juntamente o triunfo sunita, reforçando assim a segmentação religiosa e com ramificações duradouras que permeiam até os dias atuais. Eventualmente, os Otomanos foram expulsos pelos Persas, que concedem autoridade à Geórgia, marcando a formação do Estado Georgiano moderno, contudo após o falecimento do comandante militar do Irã em 1747 e o cenário instável deixado favoreceu o acesso ao império em ascendência, o Império Russo. Por ventura, a entrada da Rússia na disputa pela região no século XVII, se sucedeu perante as ambições expansionistas de Catarina, a Grande, tinha como objetivo de alcançar a autoridade na região da Ásia e inclinando-se a Índia, país sob domínio britânico, a levaram a ponderar o Cáucaso como uma localização de relevância comercial e com viabilidade política. Em 1783, foi acordado que a Rússia iria proteger a Geórgia de possíveis ataques territoriais dos otomanos e persas, esse acordo se tornou favorável devido aos episódios subsequentes de retomada da busca do controle da região por parte dos persas e otomanos. A Rússia assegurou a proteção do Cáucaso encontrando militarmente, como exemplo a guerra russo-turca de 1877 a 1878, e gerando tratado de

Gulistan em 1813, que visava a paz com o Império Persa e aquisição de territórios que atualmente compõe o Azerbaijão, Armênia e Geórgia.

## **2.2 A Fragmentação da Era Soviética e o Impacto no Cáucaso**

A presença Russa e a aliança com os armênios no território a partir de 1890 afetou diretamente o desenvolvimento industrial e socioeconômico, pois muitos cargos administrativos estavam sendo preenchidos em sua maioria por russos, enquanto isso os georgianos incomodados com o movimento formaram o fragmentado nacionalista de vertente marxista. A discordância de convicções levou a tensões armadas e debates, baseados na incompreensão racial, religiosa e ideológica, com intuito de alcançar a identidade nacional. A situação se agravou com a Revolução Russa de 1905, que gerou instabilidade política e social em todo o país, influenciando as políticas da Rússia Imperial e contribuindo para a crescente agitação no Cáucaso. Os nacionalistas étnicos, apesar das diferenças, continuaram sua luta armada violenta baseada em ideais de social-democracia e marxismo e tendo uma resposta repressiva por parte do governo, visando a instabilidade pré Primeira Guerra Mundial.

Com a entrada da Rússia e do Império Otomano na guerra gerou um breve senso de união em torno do governo. Porém, não foi sustentado devido às condições precárias nas frentes de batalha e a crise militar, desencadeando manifestações que se espalharam ligeiramente pela extensão da Transcaucásia e a propagação do comunismo. A construção do poder Soviético e a implementação do Comunismo no Cáucaso foram fortemente influenciadas pela experiência da guerra civil, posteriormente resultando na Revolução Russa em 1917 (MIELNICZUK, 2013). Os soviéticos, ao enfrentarem desafios locais relacionados a fatores morais, sociais, psicológicos e culturais, tomaram decisões difíceis, incluindo a abolição dos comitês revolucionários. Moscou impôs a formação de uma união de repúblicas no Cáucaso, unindo as três nações da Transcaucásia que se tornaram Repúblicas Soviéticas autônomas até março de 1922. Nove meses depois, após a revolução Bolchevique, essa união foi remodelada para uma única República, a RSS Transcaucasiana, mantendo as três nações estruturalmente independentes, mas dentro de um quadro federativo. Porventura, não foi duradouro e posteriormente originou a independência da Geórgia. (Pipe, 1964)

Apesar das ambições de Stalin, a Transcaucasiana se desfez em 1936, transformando-se em três repúblicas separadas na estrutura federal da URSS. O fracasso desse modelo federativo na Transcaucásia ocorreu devido às diferenças étnico-religiosas e às percepções divergentes das diferentes nacionalidades sobre sua soberania em uma estrutura

política frágil imposta por Moscou, que não correspondia à geografia étnica da região. Stalin, porém, associou a queda da entidade federativa à crescente influência do nacionalismo territorial e étnico, motivados pela Korenizatsiya de Lenin. Korenizatsiya, foi uma política soviética que tinha o propósito da indigenização, substituindo as elites tradicionais por comissários vermelhos de minorias étnicas. Essa percepção justificou uma mudança na política das nacionalidades soviéticas, levando Stalin a considerar o legado da Korenizatsiya de Lenin como propenso a levar as elites étnicas a "desvios nacionalistas". (HUGHES, 2001)

As políticas de nacionalidade soviéticas sofreram mudanças ao longo do tempo. A Nova Era, iniciada em 1956, buscou criar uma identidade soviética. Houve tentativas de alterar a demografia, como deportações de russos, mas foram mal-sucedidas na Transcaucásia. A soviétização, embora tenha modernizado a região, não homogeneizou as nações da Transcaucásia.

Segundo MIELNICZUK (2013), o período que antecedeu o colapso da União Soviética foi marcado por tensões na Geórgia, onde a introdução de eleições multipartidárias, em 1989, resultou na ascensão de Zviad Gamsakhurdia, um líder ultranacionalista, à presidência do Soviete Supremo. O desejo pela independência georgiana confrontou as regiões autônomas, especialmente a Ossétia do Sul, pressentindo o impacto do nacionalismo georgiano em sua autonomia, os Ossetas proclamaram a criação da República Socialista Soviética da Ossétia e buscaram associação à URSS, caso a Geórgia se tornasse independente. Em paralelo, o governo de Gamsakhurdia impôs o georgiano como idioma oficial em todo o território, revogou o status autônomo da Ossétia do Sul e tomou medidas para controlá-la, desencadeando conflitos e movimentos separatistas. A falta de apoio inicial da Rússia aos interesses ossetas mudou após o fracasso de um golpe contra Gorbachev, levando Yeltsin a aliar-se ao presidente da URSS contra os golpistas. O colapso da URSS complicou ainda mais a situação, com a Rússia adotando uma postura ultraliberal sob o comando de Yeltsin, enquanto a Geórgia enfrentava tensões entre forças nacionalistas e o governo central, resultando em intervenções militares russas para proteger minorias separatistas. A situação se agravou com uma guerra civil na Ossétia do Sul, pressionando a Rússia devido ao fluxo de refugiados no norte do Cáucaso. Um referendo na Ossétia do Sul, em 1992, votou pela união com a Rússia, levando a negociações entre Geórgia e Ossétia. Os Acordos de Sochi foram assinados, estabelecendo um cessar-fogo e uma Força de Manutenção de Paz Conjunta para estabilizar a região. Após os acordos, a situação se acalmou, permitindo o desenvolvimento de instituições de governo na Ossétia do Sul, apesar das devastadoras consequências dos

conflitos, que resultaram em milhares de mortos e dezenas de milhares de refugiados entre 1991 e 1992.

### **2.3 Século XXI : O Conflito de 2008 e Seus Efeitos no Sistema Internacional**

É comum relacionarmos a brutalidade no decorrer da ruptura de impérios, como houve também no decurso do desmembramento da União Soviética. Desde que se tornou independente, na década de 90, a Geórgia busca obter relações com os países do oriente e da comunidade transatlântica, essa aproximação despertou o alerta da Rússia por desdobramento de vários anos de provocações militares planejadas em Moscou para desestabilizar o país e retomar autoridade na região. (KAKACHIA, 2008)

O ano de 2003 ficou marcado pela queda de Shevardnadze da Presidência, acusado de corrupção. A Revolução Rosa, que representou a revolta popular, levou Mikheil Saakashvili, líder do Movimento Nacional da Geórgia, ao poder. Ele focou sua plataforma na reunificação do país, o que implicava revisar o status das regiões separatistas, como a Ossétia do Sul, que havia desfrutado de independência de fato sob influência russa por mais de uma década. Saakashvili ressuscitou o nacionalismo georgiano e buscou aliança com o Ocidente para contrabalançar a influência russa na região. O ressurgimento do nacionalismo foi evidente em seu governo. Ao declarar as comemorações da independência do país, Saakashvili reabilitou Gamsakhurdia como herói nacional, renomeando uma avenida em Tbilisi com seu nome e trasladando seu corpo para a Geórgia. A figura de Gamsakhurdia deixou de ser associada ao líder nacionalista que conduziu o país à guerra civil, passando a ser vista como arquiteto da independência georgiana. Paralelamente, a Geórgia se aproximou da OTAN, mas a percepção da Rússia sobre a OTAN deteriorou após sua intervenção na Sérvia em 1999, marcando um novo rumo para a aliança. (MIELNICZUK, 2013)

A tensão cresceu no verão de 2006, quando o governo georgiano lançou uma operação policial no Vale do Alto Kodori, na Abecásia, para eliminar grupos criminosos e restaurar a autoridade do Estado nessa área. Isso levou à prisão de agentes dos serviços secretos militares russos acusados de bombardear Gori. Em resposta, Moscou fechou as rotas de acesso à Geórgia, suspendeu ligações aéreas e postais, impôs embargos a produtos georgianos e até deportou pessoas com nomes étnicos georgianos. As implicações por parte da Rússia continuaram em 2007, com ataques a instalações georgianas na Abecásia e violações do espaço aéreo, múltiplas violações do espaço aéreo georgiano e a destruição de aeronaves de vigilância georgianas sem piloto. No outono, Moscou intensificou a pressão política no

instante em que os oficiais russos estabeleceram relações administrativas, em cargos-chaves do governo, com a Ossétia do Sul e a Abecásia, embora tenha aliviado alguns embargos econômicos e de transporte. Em abril, um avião militar georgiano sem piloto foi abatido por um caça russo sobre a Abecásia. Moscou reforçou sua presença militar na região, enviando tropas e engenheiros para a Abecásia sem o consentimento do governo georgiano. Enquanto a Geórgia buscava uma resolução do conflito e pedia uma presença policial internacional apoiada pela comunidade internacional, a Rússia desvalorizou essas ofertas. Durante um exercício militar chamado "Kavkaz-2008", a Rússia mobilizou milhares de tropas perto da fronteira georgiana, alegando ser uma operação antiterrorista, mas visando preparar suas tropas para operações especiais de manutenção da paz. (KAKACHIA, 2008)

“O confronto de cinco dias entre as forças da Rússia e a Geórgia em Agosto provocou sérios danos na economia deste país. Os prejuízos materiais foram inicialmente estimados em cerca de mil milhões de dólares, isto é, cerca de oito por cento da previsão do PIB de 2008. Os danos abrangem sobretudo os alvos militares – bases, aeródromos militares e sistemas antiaéreos. Não houve danos de monta em alvos civis, incluindo bens industriais e agrícolas, com exceção da fábrica que produzia aviões militares em Tbilisi.” (KAKACHIA, 2008)

A Geórgia sob Saakashvili estreitou laços com a OTAN, mantendo o treinamento militar ocidental para suas forças armadas. No entanto, o programa inicialmente temporário se tornou permanente, condicionando a saída dos colaboradores da OTAN à retirada total dos militares russos do país. A importância estratégica da Geórgia, particularmente pelas rotas de energia do Mar Cáspio para a Europa, reforçou sua posição nas relações com o Ocidente. A Geórgia esperava o apoio ocidental em sua busca pela integridade territorial e como medida de dissuasão contra a possível reação russa, mas os eventos de agosto de 2008 demonstraram equívocos nessa suposição. (MIELNICZUK, 2013)

A maior parte das rotas de transporte permaneceu operacional, mas uma ponte ferroviária próxima a Tbilisi foi destruída após o fim dos combates. Isso causou problemas não apenas à Geórgia, mas também ao Azerbaijão e à Armênia, interrompendo o transporte de petróleo e gás através de trens e oleodutos, por temor de danos devido à atividade militar. A situação foi agravada pela chegada de dezenas de milhares de deslocados internos, demandando assistência e mantimentos. Além dos ataques a áreas civis, os invasores saquearam e danificaram locais históricos considerados sagrados para os georgianos, especialmente na região próxima à Ossétia do Sul. O ministro da Cultura da Geórgia

identificou cerca de 500 monumentos e sítios arqueológicos agora ocupados pelas forças russas. A invasão russa tinha também razões adicionais, incluindo um ajuste de contas em relação ao Kosovo, onde o aval do Ocidente à independência serviu de precedente para a Rússia apoiar a independência da Ossétia do Sul e da Abecásia. Moscovo procura contestar o precedente do Kosovo, defendendo a revogação da decisão e ressaltando a inconsistência de criar microestados suscetíveis a se fragmentar em entidades menores. Porém, a Rússia parece ignorar o esforço internacional que levou à independência do Kosovo, ao mesmo tempo em que invadiu a Geórgia, negando a internacionalização do conflito e reconhecendo a independência dos enclaves poucas semanas após o início da guerra. Além disso, enquanto a Rússia reconhece a independência da Abecásia e da Ossétia do Sul, ela não faz o mesmo com o Kosovo, evidenciando uma postura dupla em relação à Geórgia. (KAKACHIA, 2008).

“A resposta internacional aos problemas na Geórgia no pós-guerra foi rápida. Os Estados Unidos lideraram os esforços de ajuda internacional comprometendo-se com mil milhões de dólares. A Comissão Europeia já prometeu 500 milhões de euros e pediu aos estados-membros para que contribuam com uma quantia semelhante. O Fundo Monetário Internacional (FMI) disponibilizará 750 milhões de dólares ao Banco Central da Geórgia sob a forma de um «Stand-By Arrangement». Até o Banco Asiático de Desenvolvimento contribuiu com 40 milhões de dólares..” (KAKACHIA, 2008)

A Geórgia ignorou as mudanças nas dinâmicas internacionais. Enquanto os Estados Unidos, que inicialmente apoiaram a Revolução Rosa, enfrentavam desgastes políticos e econômicos em 2008, a Rússia se erguia gradualmente na década de 1990. O país, sob Putin, colhia ganhos econômicos significativos, o que moldou a reação russa às ações da Geórgia. Nesse contexto, a pergunta fundamental é: por que a Geórgia agiu dessa maneira? (MIELNICZUK, 2013)

Quando analisamos o conflito Rússia-Geórgia de 2008 sob uma lente histórica e expondo que as movimentações derivam de uma tendência expansionista inerente à Rússia, explorando também as relações bilaterais desde o colapso da URSS. Após esse exame do histórico recente, identificamos as causas do conflito como resultado do renascimento do nacionalismo georgiano e das ramificações da expansão da OTAN. Além disso, o reconhecimento da independência do Kosovo, sem a aprovação russa, estabeleceu um precedente para uma possível intervenção russa resultar na independência da Ossétia. Embora não diretamente ligado ao conflito no Cáucaso, esse aspecto influenciou secundariamente na

firmeza da resposta russa, sugerindo que as raízes do conflito residem no Ocidente, não na Rússia.

Essa conclusão não nega o papel crucial da Rússia no conflito, mas destaca como fatores independentes de sua vontade contribuíram para seu envolvimento enérgico. A partir de 2008, o posicionamento da Rússia se enquadrou como uma potência emergente no contexto pós-Guerra Fria, a busca do domínio regional, aspiração ao protagonismo global e desafio à hegemonia norte-americana a caracterizaram. Enquanto na crise de 1991-1992 a preocupação russa era predominantemente regional, sem contestar a unipolaridade norte-americana, na crise de 2008, sua abordagem alcançou dimensões internacionais contra-hegemônicas, moldadas pelas transformações nas relações entre EUA, OTAN, Geórgia e Rússia. Neste contexto, é crucial que o Ocidente reconheça o papel da Rússia como parceira na gestão da crise nas regiões separatistas da Geórgia, a fim de evitar implicações adversas nas relações em outros âmbitos.

### **3. Conflito Rússia e Ucrânia**

#### **3.1 Nacionalismos e Anexação da Crimeia**

O conflito entre Rússia e Ucrânia tem suas raízes nos nacionalismos divergentes desses países, alimentando tensões duradouras. O nacionalismo ucraniano, orientado para o Ocidente desde o início, busca o reconhecimento da Ucrânia como nação independente, não como parte periférica e subordinada de outra nação. Por outro lado, o nacionalismo russo, marcado pelo ressentimento em relação ao Ocidente, vê a Ucrânia como parte integrante e tem dificuldades em aceitar sua soberania, especialmente quando se aproxima do Ocidente, prejudicando os planos russos de integração regional.

Até a Revolução Laranja de 2004, a Rússia parecia próxima de alcançar seus objetivos na Ucrânia, consolidando a neutralidade geopolítica ucraniana e expandindo sua influência durante o governo de Leonid Kuchma (1994-2005), cujo mandato foi permeado por dificuldades na política doméstica, a Rússia conseguiu expandir sua influência sobre a Ucrânia, mediante de tratados relativos à infraestrutura de transporte de gás natural e por meio de acordos a neutralidade política ucraniana. No entanto, a ascensão de Viktor Yushchenko (2005-2010), e sua busca por aproximação com o Ocidente, incluindo a OTAN, frustraram as expectativas que a Rússia possuía. As tensões aumentaram em 2006 com a interrupção do fornecimento de gás natural à Ucrânia pela Rússia, devido a uma série de disputas comerciais.

Quase todo o gás que chega à Europa passa pelo território ucraniano, o que fez com que ela não fosse o único país a ser afetado pela crise.

Após a eleição de Viktor Yanukovych (2010-2014), as relações entre Ucrânia e Rússia entraram em um período de estabilização. No entanto, os eventos do Euromaidan em 2013 alteraram drasticamente a dinâmica, quando as negociações para um tratado com a União Europeia (UE) foram suspensas devido à pressão russa. Esse cenário desencadeou uma onda de protestos na Praça da Independência, que exigiam uma maior integração com a UE e expressaram descontentamento com o governo pró-Rússia de Yanukovych, acusado de envolvimento em casos de corrupção. Os protestos crescentes culminaram na Revolução Ucraniana de 2014, levando à queda do presidente Yanukovych em fevereiro daquele ano. Imediatamente após a Ucrânia passar por uma rápida sucessão de mudanças no sistema político, incluindo a formação de um governo interino, o restabelecimento da Constituição anterior (que reduzia o poder presidencial) e a convocação de uma nova eleição de emergência, programada para ocorrer dentro de poucos meses.

A crise tomou proporções internacionais quando a Rússia, percebendo que a Ucrânia não estava disposta a manter sua posição anterior, que ela considerava de periferia imperial, abandonou estratégias puramente diplomáticas e invadiu o território ucraniano. Isso incluiu a ocupação da península da Crimeia, que havia pertencido à Rússia até a União Soviética cedê-la à Ucrânia em 1954. A anexação da Crimeia foi justificada por meio de um referendo controverso. Após esse acontecimento, insurgências separatistas no leste ucraniano surgiram, uma região predominantemente russófona que se tornou o epicentro do conflito, apesar das negações russas de apoio direto. A narrativa russa procura justificar a anexação e o separatismo argumentando que a Ucrânia é um país dividido em dois: o oeste ucraniano, que anteriormente pertenceu à Polônia, identifica-se com a cultura ucraniana e, por conseguinte, com a orientação pró-Occidente; enquanto o leste permaneceria, em grande parte, leal à Rússia devido a afinidades históricas e etnoculturais.

No entanto, essa narrativa é arriscada e suscetível a contestações. A ideia de uma divisão entre ucranianos pró-Occidente e pró-Rússia pode não ser totalmente precisa. A lealdade cultural da população designada como "pró-Rússia" parece estar mais fundamentada nos valores do passado soviético do que na Rússia contemporânea. A propaganda anticidental utilizada pela Rússia coopta essa lealdade, transferindo-a para sua própria narrativa. Para os nacionalistas ucranianos, mesmo nas regiões leste da Ucrânia, como Donetsk e Luhansk, onde estão localizados os grupos separatistas pró-Rússia, essas áreas são

parte integrante da Ucrânia há quase um século. Mesmo antes disso, essas regiões nunca foram completamente russas, já que foram colonizadas principalmente por ucranianos e outros povos estrangeiros, como búlgaros e sérvios. Ao longo de suas histórias, essas regiões não mantiveram uma ligação tão estreita com a Rússia quanto afirmam os separatistas.

Até o início da guerra em 2014, quando a Rússia invadiu a Península da Crimeia e começou a apoiar, embora sem reconhecer, grupos separatistas na região de Donbass, pode-se observar um padrão na política ucraniana. Todas as lideranças inicialmente consideradas pró-Rússia passaram, de alguma forma, a ser identificadas por Moscou e pela comunidade étnica russa dentro da Ucrânia como adversárias da Rússia. Este fenômeno aplicou-se, por exemplo, aos presidentes Leonid Kravchuk (1991-1994), Leonid Kuchma (1994-2005) e até mesmo ao atual presidente, Volodymyr Zelensky (2019), que chegou a ser acusado de ser um agente de Moscou durante a campanha presidencial de 2019 pelo então candidato à reeleição, Petro Poroshenko. Em certos momentos, até o presidente Viktor Yanukovich (2010-2014), considerado o mais pró-Rússia desde a independência, foi acusado pela Rússia de ser excessivamente condescendente com o Ocidente (D'Anieri, 2019, 184-85).

### **3.2 Guerra da Ucrânia: conflito e impactos à segurança internacional**

No contexto pós-soviético, os conflitos no continente leste europeu passaram longe de terem um fim, como a desintegração da Iugoslávia (1992-1995), a Guerra de Kosovo (1999), a invasão russa na Geórgia (2008) e a anexação realizada pela Rússia na Península da Crimeia e a região de Donbass na Ucrânia ocorridas em 2014, eventos que impactaram e geraram grandes mudanças nessas regiões em diversos âmbitos. Todavia, o atual conflito apresenta uma natureza distinta, com implicações únicas para a segurança internacional.

Iniciada em fevereiro de 2022, a invasão russa à Ucrânia está destinada a mudar o curso das relações internacionais no século XXI. Sob a liderança de Vladimir Putin, a Rússia busca pela recuperação da posição como grande potência no cenário internacional, e essa tem sido uma meta central do atual governo. O objetivo do Kremlin, caracteriza-se por possuir uma abordagem que combina afirmação identitária com valores conservadores, cada vez mais tingidos de nacionalismo, e a demonstração de poder através de uma política externa militarizada, revisionista e de discurso assertivo.

Em 2005, as autoridades ucranianas manifestaram, pela primeira vez, a intenção de aderir à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma decisão que gerou profundo desconforto entre os russos devido a todo o histórico entre esses dois atores. Para a

Rússia, a possibilidade de que a OTAN estabelecesse uma base aliada em um território vizinho controlado por Putin é considerada uma ameaça de grande escala pela ótica russa. A Rússia, na época, chegou a proferir ameaças a países que cogitassem a possibilidade de se tornarem membros dessa organização em anos subsequentes.

Treze anos depois, no final de 2019, algumas regiões sob domínio russo demonstraram coragem ao expressar interesse em se desvincular do controle russo e buscar uma alteração na Constituição ucraniana para facilitar a adesão à União Europeia. Essa mudança provocou momentos críticos e tensos em 2022, especialmente em relação à possibilidade de ataques e conflitos internacionais, uma vez que não era aceita pelo presidente Putin.

Essa ação desencadeou nas forças russas, sob as ordens de Putin, do partido Rússia Unida, e em aliança com grupos da extrema-direita, a invasão e ocupação de territórios ucranianos. A estratégia adotada envolveu ataques aéreos, marítimos e terrestres, com o objetivo de desabilitar a capacidade de resposta efetiva da Ucrânia, resultando em uma invasão rápida e devastadora. Nos primeiros dias do conflito, relatos oficiais indicaram a perda de milhares de civis ucranianos, desencadeando uma significativa onda de refugiados que buscavam abrigo em países vizinhos, como Polônia, Hungria, Romênia e Eslováquia.

A guerra da Ucrânia caracteriza-se por possuir maiores dimensões em termos de mobilização militar e por apresentar maiores consequências humanitárias até o momento, o número de refugiados ao longo do conflito é cada vez maior e preocupante. Outrossim, a guerra assume também a forma de um “evento estrutural”, cujo poder gera em torno da transformação a longo prazo de estruturas no Sistema Internacional, operando como um incentivo a alterações não evidentes. O desenrolar desse conflito influencia, portanto, as dinâmicas de poder e as estratégias geopolíticas de maneira duradoura, por implicar diretamente não apenas na região afetada, mas no sistema internacional como um todo. (William Sewell Jr., 2006, cap 8)

A estratégia revisionista de Putin, destinada a consolidar o estatuto e prestígio internacional da Rússia, está enfrentando desafios significativos. O conflito na Ucrânia não apenas revela as limitações das ferramentas do direito internacional, mas também evidencia a ausência de uma resposta normativa eficaz para situações urgentes e prementes. O isolamento da Ucrânia destaca a importância das relações internacionais estratégicas para a soberania dos países no cenário global. A escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia suscita questionamentos sobre o papel de organismos internacionais, grupos econômicos e

movimentos sociais. A OTAN, por exemplo, oferece apoio econômico e militar com cautela, evitando um envolvimento direto que poderia desencadear uma guerra mais abrangente. A situação também sublinha a necessidade de revisão e fortalecimento do direito internacional para lidar com conflitos dessa magnitude, prevenindo lacunas que permitiriam ações agressivas sem uma resposta efetiva.

Acerca das sanções econômicas aplicadas à Rússia, estas encontram-se em um impasse significativo, uma vez que estão limitadas proporcionalmente à dependência das nações europeias dos recursos russos, destacando-se especialmente o petróleo e o gás natural. A presença de aliados que apoiam diretamente a permanência das tropas russas no território ucraniano cria mais um obstáculo para a administração e contenção da invasão.

A resolução do Conselho de Segurança, condenando as ações de Vladimir Putin, enfrentou um veto e a abstenção de três países aliados da Rússia: China, Índia e Emirados Árabes Unidos. O documento instava ao cessar imediato do uso de força contra a Ucrânia e à retirada de todas as tropas do território ucraniano, visando permitir que a Ucrânia restaurasse sua soberania perante a comunidade internacional. Entretanto, essa tentativa de imposição de medidas mais severas falhou consideravelmente, pois o voto negativo de qualquer um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, de acordo com o capítulo VII da Carta das Nações Unidas, impede o conselho de agir nos termos propostos. Assim, torna-se evidente que as soluções e mecanismos disponíveis no Direito Internacional atualmente não são suficientes para a resolução do conflito. As medidas em vigor concentram-se principalmente no apoio humanitário à Ucrânia, como o envio de armamentos, acolhimento da população refugiada e assistência econômica geral, buscando fortalecer a resistência à invasão, que, até o momento, não enfrenta uma resposta eficaz.

Isolada, a Ucrânia conta apenas com esse tipo de apoio humanitário, uma vez que a Rússia obstruiu eficazmente a entrada do país em grupos econômicos e políticos, como a União Europeia e a OTAN. Essa estratégia russa visa bloquear a possibilidade efetiva de ajuda e envolvimento de outros países na causa, uma vez que a participação de terceiros no conflito é considerada obrigatória apenas para membros diretamente afetados.

Vladimir Putin é astuto, além de usar estrategicamente sua força e imagem perante a comunidade internacional, liderando com mão firme o maior país do mundo. Sua posição privilegiada, respaldada por vastos recursos naturais e poder econômico, torna as sanções internacionais praticamente ineficazes. A reputação autoritária de Putin desempenha um papel crucial, tanto na condução do conflito quanto na maneira como é percebido por seu

próprio país e pela comunidade global. A resistência de Putin durante o conflito reflete não apenas a força de suas decisões, mas também a determinação de um líder que só encerrará a guerra quando estiver satisfeito com os resultados. Essa abordagem confunde e desorienta a comunidade internacional, que ainda carece de uma legislação eficaz para lidar com situações desse tipo, como evidenciado ao longo do conflito.

O isolamento da Ucrânia diante da comunidade internacional destaca a importância das relações estratégicas, ressaltando a necessidade de conexões externas e internacionais condizentes com a realidade do país. Conforme exposto pela publicação do jornal *Foreign Affairs*, que declara:

“A Rússia pode rejeitar a oferta de cessar-fogo da Ucrânia. No entanto, mesmo que o Kremlin se mostra inflexível, a transição da Ucrânia de uma postura ofensiva para defensiva limitaria a contínua perda de seus soldados, permitiria direcionar mais recursos para defesa e reconstrução a longo prazo, e fortaleceria o apoio ocidental ao demonstrar que Kyiv possui uma estratégia viável voltada para objetivos alcançáveis. A longo prazo, essa mudança estratégica deixaria claro para a Rússia que não pode simplesmente esperar superar a Ucrânia e a disposição do Ocidente em apoiá-la. Essa compreensão pode eventualmente convencer Moscou a sair do campo de batalha e buscar a mesa de negociações - uma decisão que seria, em última análise, para a vantagem da Ucrânia, pois a diplomacia oferece o caminho mais realista para encerrar não apenas a guerra, mas também, a longo prazo, a ocupação russa do território ucraniano.” (FOREIGN AFFAIRS, 2023, tradução nossa)

É evidente a delicadeza do envolvimento de grupos econômicos, movimentos sociais e organizações humanitárias internacionais, como exemplificado pelo cuidadoso apoio oferecido pela OTAN, que evita um engajamento direto que poderia resultar em um conflito de larga escala, envolvendo potências nuclearmente armadas. Diante desse cenário, percebe-se a insegurança e incerteza que o conflito traz para o atual panorama mundial, sendo um momento delicado e decisivo.

### **3.3 Desafios para o Ocidente**

Durante as duas primeiras décadas do século XXI, a dinâmica das relações entre a OTAN e a Rússia se intensificaram. As avaliações pessimistas sobre o futuro russo, baseadas em perdas demográficas, desorientação das políticas estatais, expansão das máfias e crescimento da criminalidade, encontraram respaldo em dados empíricos significativos. Contudo, esse período testemunhou uma notável revitalização do estado, da economia e da sociedade russos, incluindo uma recuperação tecnológica notável, especialmente no setor militar. Concomitantemente, as relações econômicas com países da Europa Ocidental, notadamente a Alemanha, foram intensificadas, encontrando na Rússia um ambiente propício para investimentos e um fornecedor confiável de bens agrícolas e petróleo.

Enquanto a atenção global estava predominantemente voltada para o excepcional desempenho econômico chinês desde a década de 1990, a ressurgência da Rússia, anteriormente vista como vulnerável ou, no máximo, uma potência regional a ser tratada com atenção, adicionou uma camada de complexidade ao cenário internacional. Essa dinâmica contribuiu para a difícil configuração na busca por uma nova ordem mundial sob a hegemonia do Ocidente, especialmente após os eventos desencadeados pela guerra na Ucrânia.

A Rússia emergiu como um dos principais protagonistas no mercado global de energia, fornecendo 40% do gás consumido na União Europeia e sendo o segundo maior exportador de petróleo, ficando atrás apenas da Arábia Saudita. As sanções aplicadas à economia russa, sobretudo pela dependência europeia do gás russo, concentraram-se principalmente nas exportações de petróleo e carvão. O Kremlin percebeu que, embora fosse possível redirecionar as entregas de petróleo da Europa para os mercados asiáticos, o mesmo não poderia ser feito com o gás, cujo transporte depende de uma infraestrutura mais inflexível.

As sanções, sobretudo aquelas relacionadas ao petróleo, evidenciaram a vulnerabilidade de um país diante de bloqueios de reservas e restrições monetárias unilateralmente impostos pelos EUA e seus parceiros, destacando a necessidade de alternativas ao sistema SWIFT. O modelo chinês CIPS, ainda que restrito em comparação ao SWIFT, ganhou relevância ao ser adotado por bancos e organizações de mais de cem países, facilitando transações em Renminbi e incentivando a criação de uma ordem monetária alternativa.

A aproximação sino-russa, motivada não apenas por afinidades ideológicas, mas também pelo receio de novas sanções financeiras após a adesão da Ucrânia à OTAN, representa uma reação conjunta contra a interferência militar e política dos Estados Unidos em países soberanos. Diante das dificuldades enfrentadas pela Rússia devido ao bloqueio ocidental, especialmente na substituição de importações industriais e tecnológicas, é plausível que as relações comerciais entre Rússia e China evoluam de maneira assimétrica, acentuando a crescente importância econômica chinesa.

Essa ascensão chinesa tem promovido preocupações entre os líderes da OTAN, que reconhecem uma mudança fundamental no equilíbrio global de poder. A China, ao internacionalizar sua moeda, o renminbi, busca consolidar sua influência não apenas por meio de sua modernização militar, mas também pela supremacia econômica e tecnológica. O mundo, ao recusar participar da guerra por procuração travada pela OTAN na Ucrânia contra

a Rússia, parece questionar a suposta excepcionalidade norte-americana e a liderança moral do Ocidente, sinalizando uma resistência global às operações unilaterais promovidas pelos EUA.

Rússia e China, como elementos significativos da Eurásia, uma região crucial para o equilíbrio global, compartilham uma perspectiva distinta sobre a dominação global liderada pelos EUA. O desenvolvimento da Eurásia, aliado a outras potências emergentes, sugere que os EUA podem não manter sua hegemonia global na próxima década. Segundo uma matéria publicada no Valor Econômico, a guerra contra a Rússia, nesse contexto, representa um esforço para preservar o poder global norte-americano, influenciando a Europa a alinhar-se mais estreitamente aos interesses dos EUA e preparando o terreno para possíveis confrontos futuros, especialmente contra a China.

Em resumo, as mudanças no equilíbrio de poder entre as potências marcam um período de transição que pode resultar em diferentes configurações: um mundo multipolar, um novo bloco hegemônico ou a reafirmação da posição hegemônica dos Estados Unidos. Esse cenário é o grande jogo que se desenrola no cenário mundial contemporâneo. A guerra na Ucrânia deve ser interpretada como um episódio inserido nessas incertezas sobre os desdobramentos das transformações sistêmicas no equilíbrio de poder entre as principais potências.

## **CONCLUSÃO**

A expansão da OTAN e as preocupações russas em relação a essa expansão têm desencadeado um cenário complexo nas relações internacionais. A formação e evolução dessa aliança militar representaram não apenas a busca por segurança coletiva, mas também se tornaram símbolos de tensões geopolíticas. A entrada de países anteriormente sob influência soviética na OTAN alimentou a percepção russa de cerco militar, desencadeando ações e reações que moldaram o panorama internacional. A gestão capciosa dessas tensões é vital para a estabilidade global, requerendo diálogo, diplomacia e cooperação entre Rússia e OTAN para evitar impactos catastróficos em escala global.

Além disso, as análises dos conflitos na Geórgia e na Ucrânia revelam uma intrincada teia de ambições territoriais, lutas por independência e busca por identidade nacional. A região do Cáucaso, historicamente um ponto de convergência de culturas e interesses, testemunhou a multiplicidade étnica e religiosa que a caracteriza. A desintegração da União Soviética reacendeu tensões latentes, alimentadas por diferenças étnicas e aspirações

por independência. O confronto entre Geórgia e Rússia em 2008 foi um ponto crucial nesse cenário, revelando a complexidade das dinâmicas geopolíticas em jogo.

Compreender as origens profundas e as dinâmicas complexas por trás desses conflitos é fundamental para buscar soluções duradouras e promover a estabilidade em áreas politicamente sensíveis. A situação na Ucrânia reflete uma perspectiva complexa e em constante evolução, onde nacionalismos conflitantes, implicações na segurança internacional e desafios para o Ocidente revelam mudanças essenciais na ordem mundial. A ascensão da Rússia e a crescente importância da China reconfiguram as dinâmicas de poder globais, questionando a liderança dos Estados Unidos e gerando incertezas sobre o cenário geopolítico futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTAZZO, Juliana. **Atuação da OTAN no Pós-Guerra Fria: Implicações para a Segurança Internacional e para a ONU.** [2010]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cint/a/LTqqMy7wXKhdVdcdHCJt7CS/>>. Acesso em: 24/09/2023.
- DE ALMEIDA, João Marques. **A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia. Relações Internacionais**, n. 20, 2008. Acesso em: 24/09/2023
- D'ANIERI, Paul. 2019. **Ukraine and Russia. From Civilized Divorce to Uncivil War.** Cambridge: Cambridge University Press. Acesso em: 24/09/2023
- FERRARO, Vicente. **A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. Conjuntura Austral**, v. 13, n. 64, p. 25-50, 2022. Acesso em: 24/09/2023.
- GONÇALVES, Vinícius Milanez Lagreca. **A relação Rússia-OTAN na formulação da política externa de Vladimir Putin.** 2022. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Economia e Administração, Faculdade de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, Campinas. Acesso em: 14/10/2023.
- HAASS, Richard and KUPCHAN, Charles. **Redefining Success in Ukraine.** Publicado em 17 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/ukraine/redefining-success-ukraine>. Acesso 18/11/2023.
- HUGHES, James, e, SASSE, Gwendolyn, **Comparing Regional and Ethnic Conflicts in Post-Soviet Transition States: An Institutional Approach, ECPR Joint Sessions, Grenoble**, Abril, 2001. Acesso em: 20/10/2023
- KAKACHIA, Kornely K. **A guerra dos cinco dias. Revista Relações Internacionais**, n. 20, p. 33-43, 2008. Acesso em: 20/10/2023.
- KISSINGER, Henry, **Diplomacy**, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1994. Acesso em: 30/09/2023
- KUGLER, Jacek; SILVEIRA, VanDICK; HARLEY, Hugh Anthony. **Ucrânia e sistema global de lideranças.** Valor Econômico, 06 mai. 2022, p. A17. Acesso em: 30/09/2023
- LAVROV, Sergey. **Filosofia da Política Externa Russa.** Vida Internacional, Digest 2013. Acesso: 10/10/2023
- MACULAN, Maria Paula. **O discurso de ameaça nas relações OTAN/EUA-Rússia no pós-Guerra Fria.** 2013. Acesso em: 14/10/2023.
- MAIA, Alícia de Moura. **Sanções internacionais impactos frente ao conflito Rússia x Ucrânia.** 2022. Acesso em: 10/10/2023.

MIELNICZUK, Fabiano. **O conflito entre Rússia e Geórgia: uma revisão histórica.** *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais* da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 157-166, 2013. Acesso em: 21/10/2023.

MIELNICZUK, Fabiano. **A crise ucraniana e suas implicações para as Relações Internacionais.** *Conjuntura Austral*, v. 5, n. 23, p. 4-19, 2014. Acesso em: 21/10/2023.

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS.** *Contexto Internacional*, vol. 28, no.1; Rio de Janeiro; Jan./Junho 2006. Acesso em: 16/11/2023.

OLIVEIRA, Arthur Rodrigues de. **A ampliação dos membros da OTAN, de seus parceiros e dos aliados extra-OTAN dos Estados Unidos: compreendendo agendas e interesses.** 2022. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Relações Internacionais. 2022. Acesso em: 24/10/2023.

PEIXOTO, Daniel; TABET, Enzo; FRANÇA, Higor; REIS, Luisa; BAHIA, Renato. **A problematização da relação Rússia–OTAN: Dois pesos iguais no sistema?** *Cadernos de Relações Internacionais*, v. 5, n. 1, 2012. Acesso em: 12/10/2023.

PICCOLI, Larlecianne. **As relações Rússia-OTAN: entre sinais de defesa e ameaça.** 2015, p. 22-23. Acesso em: 03/10/2023.

PIPES, Richard. **The formation of the Soviet Union: Communism and nationalism, 1917–1923.** Harvard University Press, 1964. Acesso em: 07/11/2023

SEQUEIRA, João Pedro Teixeira Romão. **Nacionalismo e Conflitos Étnicos no Cáucaso: Subversão e Colapso do Estado na Transcaucásia Czarista e Soviética (1830-1991).** 2014. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal). Acesso em: 07/11/2023

SNEGOVAYA, Maria, KIMMAGE, Michael and MCGLYNN, Jade. **Putin o Ideologue.** Publicado em 16 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/putin-ideologue>. Acesso: 19/11/2023.

SEWELL JR, William H. 2006. **Logics of History: Social Theory and Social Transformation.** Chicago and London: University of Chicago Press. Acesso: 12/11/2023.

VIEIRA, Heyder Antonio Palheta. **CONFLITO RÚSSIA E UCRÂNIA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DOS DIREITOS HUMANOS.** RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 3, n. 10, p. e3102069-e3102069, 2022. Acesso: 12/11/2023.